

APRESENTAÇÃO

António Fernando Cascais
Margarida Medeiros

Quando o médico José Fontes fez a sua colecção de fotografias da vida quotidiana do Hospital Miguel Bombarda no final da década de sessenta, a corrente institucionalizadora dos doentes mentais continuava a prevalecer e, em alguns países, ainda se registaram nessa época picos históricos de internamento. Embora as correntes antipsiquiátricas fortemente críticas da institucionalização começassem a fazer-se ouvir e o recurso aos psicofármacos se comesse a generalizar, potenciando uma antiga tendência despsiquiatrizadora que hoje se sabe ter sempre acompanhado afinal a própria teoria e prática psiquiátrica, não era então nada certo que as já perceptíveis mudanças nas concepções de prestação de cuidados de saúde mental fossem de molde a levar à completa obsolescência, e conseqüente desaparecimento, do hospital-asilo de que o Miguel Bombarda constituía ao mesmo tempo um símbolo e uma eminente realização material. Significa isto que as imagens fotográficas de José Fontes ignoram, porque não lhes seria dado saber no momento de serem feitas, tanto o destino iminente daquilo que registavam, como o seu próprio valor enquanto documento que o passar do tempo multiplicaria de forma exponencial, até se tornarem no património absolutamente precioso que doravante são.

Actualmente transformado em espaço museológico, mas cuja preservação não se encontra definitivamente garantida, desse mundo restam decerto os fantasmas que de forma muito palpável assombram quem visite as instalações do antigo hospital, mas não só: as vidas que foram as deles pertencem para sempre a uma história que é a que habita cada um de nós e que ao mesmo título constitui o nosso património comum. A sua perda definitiva, ou o seu esquecimento, constituiriam pois nada menos do que um atentado à possibilidade de nos entendermos como comunidade.

Impõe-se a este propósito reconhecer que memória nunca é apenas «memória», mas o sustentáculo da nossa identidade presente e sem a qual não sabemos entender-nos nem projectar-nos no tempo que nos cabe viver. Eis porque a colecção fotográfica de José Fontes integra, de forma proeminente, múltiplas histórias, em círculos progressivamente alarga-

dos: a do Hospital Miguel Bombarda, a da ciência psiquiátrica nacional e a da prestação de cuidados de saúde mental, e, mais amplamente, a da medicina e da ciência portuguesa plenamente inserida no contexto internacional, a história da cidade de Lisboa e, por aí, a do próprio País.

Das largas centenas de fotos que registam tanto a experiência vivida da doença como as concepções que presidiram à prática do internamento e organizaram a intervenção terapêutica e a vida quotidiana da instituição, e que também não deixam de revelar as percepções e atitudes sociais relativas à doença e ao doente, à loucura e à sanidade, à norma e ao desvio a ela, seleccionou-se o conjunto que integra o presente livro.

A colecção de imagens recolhidas por José Fontes, incentivado por quem lhe conhecia a paixão pela fotografia, foi desenvolvida em 1968, quando se encontrava a fazer internato no Hospital Miguel Bombarda. José Fontes seguiria um outro percurso, bem afastado da Psiquiatria, estabelecendo-se como radiologista. A fotografia, contudo, foi sempre uma prática que o ocupou e a sua envolvimento com o Hospital através dela terá certamente tornado a sua rotina médica um pouco mais suportável, se considerarmos a violência e a entropia que o mesmo conseguiu registar e que marcava, certamente, o dia a dia da instituição hospitalar. Esta colecção chegou ao nosso conhecimento aquando das pesquisas levadas a cabo no âmbito do Projeto de I&D da Fundação para a Ciência e Tecnologia HC/0110/2009 – «História da Cultura Visual da Medicina em Portugal», que teve por instituição de acolhimento o Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa e entre cujos produtos finais se inclui este livro. No espólio do Hospital Miguel Bombarda, uma série de caixas negras continha um pequeno conjunto de ampliações 40 x 60 de fotografias magníficas!

Depois de encontrado o seu autor, confirmou-se que a série de imagens por ele tiradas nesse período ascendiam a mais de quinhentas. Impunha-se proceder a uma selecção do vasto conjunto, dada a impossibilidade de o dar a público na sua totalidade, mas a escolha, mesmo depois de eliminadas algumas redundâncias, provou ser extremamente difícil, dada não só a qualidade fotográfica dos espécimes como a exaustiva documentação que abrangia todas as áreas de intervenção do hospital, as diferentes alas, a rotina das refeições, as horas perdidas dos doentes pelos pátios, as terapias ocupacionais...

Neste sentido, e porque era necessário chegar a um número de cerca de uma centena, optámos por escolher as mais significativas do ponto de vista documental e composicional, mas sem perder de vista a necessidade de poder proporcionar, com este livro, uma perspectiva

abrangente do dia a dia do Hospital. Alguns espécimes, que inicialmente estavam incluídos, acabaram por ser retirados porque foi também uma preocupação nossa não sobrecarregar este livro com demasiadas imagens monstruosas ou chocantes e respeitar também a preocupação ética de evitar a sobre-exposição dos doentes em situações pouco dignas, como acontecia, frequentemente, e por razões de ordem vária, no quotidiano do Hospital. Mas era fundamental escolher um conjunto que reunisse a extraordinária capacidade de José Fontes para captar o clima do Hospital e que fosse, ao mesmo tempo, um marco na história do documentalismo português, ou seja, encontrar um equilíbrio entre forma e conteúdo, como a colecção merece. Sobram por tudo isto as razões para a publicação do presente livro.